



DISPOSITIVO AMOROSO NA VIVÊNCIA DE MULHERES EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

Amorous Device in Women's Lived Experiences with Dating Applications

Francislene Rochelle Marques da Silva¹

Florêncio Mariano da Costa Júnior²

¹Discente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

²Orientador e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru

Resumo

Este trabalho teve como objetivo analisar os relatos espontâneos de mulheres sobre o uso de aplicativos de relacionamento, com foco nas dinâmicas de gênero que atravessam essas experiências e em seus impactos psicológicos. A pesquisa fundamentou-se, principalmente, no conceito de dispositivo amoroso, conforme propostos por Valeska Zanello, articulado a reflexões teóricas de autores que auxiliaram na compreensão das dinâmicas afetivas presentes nesses ambientes digitais. A metodologia utilizada foi a qualitativa, exploratória, com coleta de dados realizada por meio da seleção e análise de relatos publicados na plataforma *Reddit*. Os resultados apontaram para a reprodução de dinâmicas de desigualdade nos ambientes digitais que geram reações emocionais e comportamentais negativas nas mulheres.

Palavras-chave: Gênero; Aplicativos de Relacionamento; Tecnologias de Gênero; Dispositivo Amoroso.

Abstract

This study aimed to analyze women's spontaneous accounts of their experiences with dating applications, focusing on the gender dynamics that shape these interactions and their psychological impacts. The research was grounded primarily in the concept of the Amorous Device, as proposed by Valeska Zanello, articulated with theoretical reflections from authors who contributed to understanding the affective dynamics embedded in these digital environments. The methodological approach was qualitative and exploratory, based on the

selection and analysis of narratives published on the Reddit platform. The findings indicate the persistence of gendered inequalities within digital dating spaces, which generate negative emotional and behavioral responses among women.

Keywords: Gender; Dating Applications; Gender Technologies; Amorous Device.

Introdução

Com o avanço da internet e a popularização das tecnologias digitais, os aplicativos de relacionamento passaram a ocupar um lugar central nas dinâmicas afetivas contemporâneas e transformaram profundamente as formas de conhecer, interagir e se vincular afetivamente (Pelúcio, 2019; Silva, 2023). Plataformas como *Tinder*, *Happn* e *Badoo*, não apenas ampliaram as possibilidades de conexão, como também passaram a mediar a forma como o amor, o desejo e a intimidade são experimentados. Contudo, longe de serem espaços neutros, esses aplicativos funcionam como dispositivos culturais que produzem subjetividades e atualizam normas de gênero, sexualidade e aparência, muitas vezes reforçando padrões excludentes e formas sutis de opressão (Silva-Junior, 2020). Na tentativa de compreender as experiências vividas por mulheres nessas plataformas digitais, este trabalho se apoia na elaboração teórica de Valeska Zanello (2018; 2022), que buscou, em seus livros, relacionar o sofrimento psíquico às desigualdades de gênero.

Partindo da compreensão dos dispositivos de gênero (Foucault, 1998; Zago; Sacchi, 2017), entendidos como mecanismos históricos e culturais que produzem e sustentam determinadas formas de masculinidade e feminilidade, Zanello (2018) formula o conceito de dispositivo amoroso, buscando entender como o conjunto de práticas sociais, discursos e representações regulam o modo que as mulheres devem sentir, amar e sofrer. A autora propõe que o dispositivo amoroso opera com uma pedagogia dos afetos, ou colonização afetiva, concebida como um conjunto de ensinamentos emocionais que nos formam para amar segundo regras de gênero, nas quais a mulher é socializada para desejar o amor como destino. Tal processo não se dá de maneira explícita, mas sim de forma naturalizada, como um saber incorporado sobre os papéis nas relações (Zanello, 2018; 2022).

Na proposição de Foucault (1998), a transformação nos mecanismos de controle social é marcada pela transição de um poder repressivo para um poder constitutivo, que, ao invés de impor diretamente uma conduta, passa a criar estratégias capazes de incitar no sujeito o desejo de agir conforme as normas. Assim, um regramento antes imposto pelo poder patriarcal passa a ser desejado e voluntariamente seguido. O autor explora como o poder se manifesta de

maneira dispersa e invisível nas instituições e nas práticas sociais cotidianas, permeando todos os aspectos da nossa subjetividade e moldando comportamentos a partir de dispositivos que incitam a autogestão e a autovigilância.

A compreensão do dispositivo amoroso demanda de um maior detalhamento sobre como o próprio conceito de gênero é constituído. Segundo Butler (2003), Connell e Pearse (2018) e Scott (1995), as diferenças entre homens e mulheres foram historicamente traduzidas em oposição e desigualdade, e revelam um caráter relacional do gênero, sempre atravessado por relações de poder e prestígio. Para essas autoras o gênero não é uma identidade fixa ou biológica, mas uma construção social e performática, sustentada por normas que se impõem de forma naturalizada.

Nesse sentido, estudos apontam que as distinções entre homens e mulheres, historicamente atribuídas a diferenças anatômicas e fisiológicas, são, na verdade, interpretações sociais atravessadas por relações de poder, o que evidencia o caráter histórico e construído do gênero (Connell; Pearse, 2018; Costa-Júnior; Couto; Maia, 2016; Lamas, 2007). Zanello (2018; 2022) acrescenta que, em nossa cultura, a normatividade afetiva e sexual é sustentada pela heterossexualidade compulsória; pelo binarismo homem-mulher circunscritos nas características corporais traduzidas em papéis de gênero: “macho-homem-masculino e fêmea-mulher-feminina”; e pelo controle da sexualidade feminina como uma forma de dominação patriarcal.

Teresa de Lauretis (1994), ao cunhar o termo “tecnologias de gênero”, aprofunda a lógica foucaultiana propondo que o gênero é produzido por meio de discursos institucionais e representações culturais, sustentados por diferentes tecnologias sociais, como o cinema, a música e as práticas do cotidiano. Essas tecnologias não apenas refletem normas sociais, mas também as produzem ativamente, influenciando percepções de identidade e reforçando modelos normativos e hegemônicos de masculinidade e feminilidade (Pelúcio, 2019; Souza, 2018; Zanello, 2018; 2022). As tecnologias de gênero, portanto, constituem um elemento central na formação do dispositivo amoroso, atuando na produção e manutenção das normas que definem o que é ser mulher em uma determinada cultura, e manifestando-se em diversas esferas da vida social; das produções midiáticas às regras sutis do cotidiano (Lauretis, 1994; Zanello, 2018; 2022).

No que tange aos aplicativos de relacionamento, os estudos de Pelúcio (2019) e Silva-Junior (2020) apontam que essas plataformas não apenas oferecem um ambiente de encontros, mas atuam como um artefato cultural que educa seus usuários em práticas afetivas e

de gênero. Seu próprio design favorece uma lógica seletiva e excludente, baseando-se na aparência e em filtros rígidos que reforçam um padrão binário e heterossexual (Silva-Junior, 2020). Essa dinâmica evidencia o que Foucault (1998) e Lauretis (1994) já teorizavam, permitindo compreender como os aplicativos se configuram como dispositivos que ensinam, de forma implícita, como se portar para ser aceito, consolidando um modelo de afetividade que perpetua desigualdades e sutis formas de controle sobre os corpos e emoções.

Podemos relacionar esse processo ao que Zanello (2018; 2022) denomina “prateleira do amor”, metáfora que denuncia como as mulheres são dispostas, como mercadorias, aguardando serem escolhidas com base em atributos associados à feminilidade hegemônica: branca, jovem, magra e loira. Trata-se de um padrão que evidencia a dimensão interseccional dessas hierarquias, uma vez que raça, gênero e estética operam conjuntamente na definição do valor amoroso (Akotirene, 2019; Zanello, 2018; 2022). Quanto mais distante desse ideal hegemônico, pior a posição da mulher na prateleira e menores as chances de que seja escolhida para relações afetivas que transcendam a objetificação sexual. Nessa lógica, a mulher é subjetivada como objeto de desejo, não como sujeito desejante, o que produz efeitos concretos sobre sua autopercepção, valor social e sofrimento psíquico.

Esse ideal não se sustenta apenas simbolicamente, mas também movimenta a indústria da beleza e transforma a insatisfação feminina em lucro. Zanello (2018; 2022) observa que, já no início dos anos 2000, as brasileiras gastavam mais de 20% de sua renda mensal com produtos estéticos e que, atualmente, o Brasil figurar entre os líderes mundiais em cirurgias plásticas. Como aponta a autora, a busca pelo ideal de beleza é impulsionada não apenas pelo desejo individual, mas pela promessa de reconhecimento social, aprovação e, sobretudo, de conquistar um bom lugar na “prateleira do amor”.

Nos aplicativos de relacionamento, a aparência, o estilo de vida e os sinais de status capturados nas fotos tornam-se critérios de escolha, reforçando a mercantilização dos corpos e das relações, para ambos os sexos (Pelúcio, 2019; Silva, 2023). Contudo, é importante salientar que, para as mulheres, essa lógica de mercado é especialmente perversa, uma vez que o dispositivo amoroso ainda as subjugam à expectativa de serem escolhidas para ocupar o lugar de parceiras afetivas, ao passo que os homens não têm seu valor social vinculado à inserção em um relacionamento (Zanello, 2018; 2022).

Diante desse cenário, este trabalho analisou relatos espontâneos de mulheres relacionados ao uso de aplicativos de relacionamento, publicados na plataforma *Reddit*, buscando compreender como essas experiências impactam seus comportamentos,

relacionamentos e autoestima. A partir dessa perspectiva, esse estudo investigou como as interações nessas plataformas reforçam normas sociais sobre o desejo e o papel da mulher nos vínculos amorosos.

O *Reddit* é uma rede social online multilíngue, fundada em 2005 e organizada em subcomunidades por áreas de interesse, sendo uma das redes sociais mais numerosas do mundo, com cerca de 1,5 bilhão de usuários registrados e aproximadamente 430 milhões de usuários ativos mensais (Lima *et al*, 2024). A escolha por analisar relatos espontâneos em espaços virtuais, como o *Reddit*, justifica-se pela natureza desses ambientes enquanto territórios que oferecem maior liberdade discursiva e favorecem a emergência de narrativas íntimas e plurais, onde é possível acessar experiências pessoais que foram relatadas de maneira mais livre, justamente pela preservação da identidade de seus usuários.

Em um contexto em que as plataformas digitais desempenham um papel cada vez mais central, os resultados dessa pesquisa podem oferecer subsídios para reflexões mais amplas no campo da Psicologia, contribuindo para a compreensão de como essas dinâmicas contemporâneas afetam a experiência emocional das mulheres que utilizam esses aplicativos. Nesse sentido, este trabalho buscou colaborar com a produção de conhecimento psicológico ao problematizar o sofrimento psíquico em sua dimensão coletiva, ampliando a escuta clínica para além do âmbito individual e fortalecendo o debate sobre gênero e subjetividade.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada nos pressupostos da etnografia digital, cujo objetivo foi compreender como as mulheres vivenciam os aplicativos de relacionamento, a partir de suas narrativas espontâneas em ambientes online. Segundo Alves, Puggian e Ferreira (2024), a etnografia digital configura-se como uma abordagem metodológica que adapta os princípios clássicos da etnografia aos contextos mediados pelas tecnologias digitais em rede, considerando a internet como espaço cultural legítimo, com códigos, linguagens e significados próprios e exigindo um olhar reflexivo e ético sobre as interações online. Esse tipo de pesquisa também evidencia como os dispositivos tecnológicos passaram a integrar a vida cotidiana, não operando simplesmente como agentes externos que influenciam a sociedade, mas constituindo parte intrínseca de práticas culturais em constante transformação, moldando rotinas, rituais e formas de se relacionar (Facioli, 2023).

O processo etnográfico digital vai desde a escolha do tema e do contexto cultural até a definição do local digital da investigação, como fóruns, redes sociais e outros espaços

virtuais. A coleta de dados envolve a seleção criteriosa dos materiais relevantes, respeitando princípios éticos como a privacidade e o anonimato dos sujeitos. Após essa etapa, o pesquisador organiza os dados da pesquisa, transcreve e analisa as informações com base em sua importância, contextualizando e dando significado as experiências observadas (Alves; Puggian; Ferreira, 2024).

Inicialmente, propôs-se a seleção de relatos disponíveis publicamente nas plataformas *YouTube* e *Reddit*, no entanto, constatou-se que os relatos pessoais estavam mais presentes na plataforma *Reddit*, possivelmente por permitir maior preservação da identidade das usuárias. Por outro lado, os vídeos disponíveis na plataforma *YouTube*, relacionados ao tema amoroso, circunscrevem-se, em sua maioria, a influenciadores e coaches de relacionamento, interessados em divulgar e vender seus cursos, dessa forma, optou-se por excluir essa plataforma da análise final.

Os critérios de seleção incluíram: relatos em primeira pessoa de usuárias que puderam ser identificadas como mulheres, postados nos últimos cinco anos e que abordassem vivências afetivas relacionadas ao uso de aplicativos de relacionamento, voltados ao público heterossexual. Foram utilizados, como termos de busca, as palavras: “*Tinder*”, “*Tinder* para mulheres” e “Apps de namoro”.

Como método de análise de dados, utilizou-se a análise de conteúdo Bardin (1977), por ser uma técnica que permite acessar não apenas os conteúdos manifestos das falas, mas também o que está implícito, considerando os aspectos subjetivos, sociais e históricos que atravessam essas narrativas. Seguindo as etapas sistematizadas pelo autor, a pesquisa foi conduzida em três fases: 1) Pré-análise – organização do corpus, leitura flutuante, formulação de hipóteses e definição dos objetivos de análise; 2) Exploração do material – codificação, definição das categorias e identificação das unidades de contexto. Após essa etapa, dezenove relatos foram selecionados para a terceira fase: 3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação, etapa em que se organizaram os achados, elaboraram-se inferências e desenvolveu-se a análise crítica, compondo uma narrativa significativa que articulasse os dados empíricos aos referenciais teóricos. Embora dezenove relatos tenham composto o corpus final, apenas onze foram apresentados neste trabalho, tanto pela necessidade de adequação ao limite de extensão do texto quanto pelo fato de que esses relatos, em particular, ofereceram maior clareza, densidade e potencial explicativo para a discussão proposta.

Resultados e Discussão

A partir da leitura e interpretação dos dados, foi possível agrupar os onze relatos em cinco categorias principais, considerando os conceitos de dispositivo amoroso (Zanello, 2018) e tecnologias de gênero (Lauretis, 1994) e articulando-os ao escopo teórico que sustenta esta pesquisa. As categorias são: esperança romântica e papéis de gênero; vínculos assimétricos e autorresponsabilização; pressão estética e vulnerabilização da autoestima; objetificação e invisibilização do sujeito feminino; inversão de papéis e desejo ativo feminino.

Na sequência, cada categoria é apresentada e discutida. Para fins de identificação, os relatos aparecem com os respectivos “nicks” das autoras, mantendo-se a grafia e a ortografia original tal como foram postados.

Esperança romântica e papéis de gênero

Essa categoria diz respeito à persistência no ideal de amor romântico como um projeto identitário central para as mulheres que, mesmo em contextos marcados por distanciamento afetivo e incertezas, mantém um desejo de construção de laços significativos. Esse funcionamento está relacionado com o que Zanello (2018) define como dispositivo amoroso, um mecanismo sociocultural que orienta a identidade feminina a partir do amor heterossexual como destino natural e medida de valor, e que ensina que a ausência desse amor se torna uma espécie de fracasso existencial. A autora explica que a esperança de se sentirem escolhidas por um homem contribui para que as mulheres reprimam sua expressão de interesse ou desejo e perseverem em interações empobrecidas de cuidado e reciprocidade, evidenciando que a esperança romântica permanece como um marcador simbólico de reconhecimento, ainda que baseada em gestos mínimos de afeto ou vínculos frágeis (Zanello, 2018; 2022).

No primeiro relato, a usuária compartilha a experiência de cinco encontros, aparentemente positivos, com um homem conhecido no *Tinder*. Apesar da conexão estabelecida, ela se sente abalada ao notar que ele atualizou as fotos no aplicativo. Em sua tentativa de parecer equilibrada e “não desesperada”, ela se reprime, evita tomar a iniciativa das conversas e adia o envolvimento sexual enquanto aguarda o protagonismo do homem para definir o status da relação:

“Tenho saído com um cara do tinder desde 17/12. Foram 5 bons dates até então [...] no domingo de tarde, eu percebi que ele tinha atualizado fotos no tinder e fiquei chateada [...] deixo ele iniciar 60-70% das vezes pra não ser chata/desperada/pegajosa [...] não quero transar enquanto não houver uma definição das coisas. Também não quero apressar ou colocar pressão nele pra namorar logo [...]

me sinto desconfortável e insegura com essa atualização do tinder [...]”
(nonamegirl_)

Aqui é possível ver que o fato do parceiro atualizar o perfil no aplicativo, sinalizando abertura a outras possibilidades, foi suficiente para a produção de sofrimento amoroso, revelando o quanto a busca por relacionamento estrutura sua autoestima e seus afetos. Além disso, não ter uma definição sobre a relação causa insegurança e impede que ela vivencie experiências sexuais, o que reafirma o papel de passividade feminina frente às trajetórias eróticas e amorosas.

Esse comportamento revela como o dispositivo amoroso (Zanella, 2018; 2022) institui um lugar de contenção para as mulheres: cabe a elas esperar, moderar desejos e evitar qualquer atitude que possa ser lida como “excesso”, no caso, o rótulo de “desesperada”. Butler (2003), Connell e Pearse (2018) e Scott (1995) ajudam a compreender que essas posições não decorrem de uma essência feminina, mas de normas performadas e reiteradas no cotidiano que estabelecem os papéis de gênero. No entanto, como observa Foucault (1998), tais normas não operam de forma explícita, mas como dispositivos de poder que fabricam subjetividades, levando as mulheres a internalizarem a vigilância e o controle de suas próprias condutas.

Já no relato a seguir, a mulher descreve envolvimento virtual com um homem que, mesmo distante e pouco disponível, continua a ocupar seu imaginário afetivo:

“me encantei com ele, tínhamos muita coisa em comum, mas sempre senti que ele estivesse meio distante [...] ele parou de me mandar mensagem, e eu também [...] descobri o motivo dele não me mandar mensagem [...] me senti super feliz por ele e culpada por ter desistido tão fácil [...] aniversário dele e eu mandei parabéns, nem imaginei que ele fosse me responder, mas respondeu! [...] hoje de manhã ele me mandou um ‘Bom diaa gatinha’ [...] Queria que desse certo [...] como eu faço pra saber se ele está interessado?” (daann_uwu)

A usuária parece interpretar o gesto mínimo, a mensagem genérica “bom dia, gatinha”, como sinal de afeto, o que se torna suficiente evocar sentimento de esperança de continuidade do vínculo, expressado aqui pela frase “queria que desse certo”.

Embora o desejo de estar em uma relação seja legítimo, ele frequentemente é atravessado por lógicas de poder afetivo-sexual que reforçam os scripts de gênero. Como apontam Zanella (2018; 2022) e Facioli (2021), mesmo em diferentes contextos sociais, os ideais de completude, heteronormatividade e romantização permanecem. Assim, os papéis de

gênero organizam as dinâmicas de conquista e vínculo, definindo quem deve esperar, quem deve tomar iniciativa e como a validação afetiva é distribuída (Butler, 2003; Connell; Pearse, 2018; Scott, 1995; Zanello, 2018).

No próximo relato, a usuária expressa frustração por não conseguir envolvimento afetivos tal como outras mulheres de seu convívio. Apesar de uma vida ativa, sente que não está “no jogo”:

“[...]Simplesmente não consigo nenhum date na vida real [...]estou em celibato (por escolha dos outros) [...] acho horrível ter que apelar pra app de relacionamento pra conseguir dar uns beijinhos [...] tento ir a praia, cinema, feira cultural. Porém, não consigo nada!!! [...] é frustrante ver mulheres ao seu redor com 1, 2 ou até 5 ficantes diferentes e você não ter nadaaaaa [...] Foco muito na minha carreira e estudos, mas as vezes me pergunto porque essa área da minha vida não vai pra frente [...]”
(iammed3878)

A expressão “celibato (por escolha dos outros)” explicita que a esperança romântica está presente, mas não é correspondida, e essa não correspondência gera frustração. A frase final do relato é especialmente reveladora, mesmo com sucesso em áreas como carreira e estudos, a mulher se questiona o porquê de a esfera afetiva permanecer estagnada, evidenciando, mais uma vez, como a sociedade ensina às mulheres que seu papel é alcançar uma relação amorosa e que, diante disso, o reconhecimento em outras dimensões da vida pode perder valor quando esfera romântica não se realiza (Zanello, 2018; 2022).

Vínculos assimétricos e autorresponsabilização

Nessa segunda categoria, destacam-se relatos de vínculos marcados pela assimetria, nos quais as mulheres assumem maior investimento afetivo e se responsabilizam mais pelo sustento das interações nos aplicativos, enquanto os homens tendem a adotar posturas de distanciamento ou indiferença. Assim, diante da falta de retorno emocional ou do abandono repentino, as usuárias relatam frustração, culpa ou acabam atribuindo a si mesmas a responsabilidade pelo término da relação.

No relato que segue, a mulher descreve uma longa conversa, marcada por elogios e demonstrações de interesse do parceiro. No entanto, após um atraso em sua resposta, ele interrompe o contato de forma abrupta, deixando-a sem retorno:

“ficamos conversarmos muito ao ponto de conversar a madrugada inteira [...] ele ficou falando que eu era muito linda, que estava super interessado em mim, [...] durante

nossa conversa meu celular travou e acabou que demorei um pouco para responder ele [...] assim que meu celular voltou ao normal expliquei oq aconteceu e pedi desculpas [...] hoje de manhã ele visualizou a minha mensagem e não chegou a responder nada [...] acho que levei um ghosting já, mas queria muito mandar mensagem, porém não quero me humilhar” (Twisgks)

Aqui, a usuária parece se responsabilizar pela ausência de resposta do parceiro, relacionando-a à própria demora em responder, por conta do problema em seu celular. Além disso, mesmo tendo sido ignorada, manifesta o desejo de retomar o contato, mas se contém por temer parecer “humilhada”. Esse movimento dialoga tanto com o que Zanello (2018; 2022) descreve como dissimetria afetiva, em que as mulheres investem energia na manutenção do vínculo enquanto os homens tendem a se afastar, quanto com a leitura de Pelúcio (2019), que mostra como os aplicativos reforçam essa desigualdade ao favorecerem comportamentos masculinos marcados pela rotatividade e pelo baixo compromisso.

No relato acima, a assimetria aparece de forma nítida, enquanto ele se desloca para outras possibilidades com relativa liberdade, ela permanece investida no vínculo em potencial e parece atribuir a si mesma a responsabilidade pela quebra da comunicação. Essa tendência à autorresponsabilização, mesmo diante do afastamento masculino, expressa o modo como as mulheres são socializadas a sustentar relações e a gerir sozinhas o trabalho afetivo (Zanello, 2018; 2022). Além disso, a usuária regula seu comportamento para não transgredir o papel de passividade esperado, evidenciando como normas culturais moldam os comportamentos e as emocionalidades (Butler, 2003; Connell; Pearse, 2018; Scott, 1995; Zanello, 2018; 2022).

Adiante, a usuária descreve um encontro afetuoso, em que houve troca, interesse e envolvimento sexual. No entanto, poucos dias depois, o parceiro desaparece e bloqueia. Além de se sentir usada, ela também se culpa por ter sido “impulsiva”:

“[...] fomos num barzinho aqui e ficamos conversando e bebendo [...] o papo tava muito bom [...] a gente se beijou e acabou rolando, ele foi bem atencioso e carinhoso cmg [...] dps de passar a semana todaa falando comigo, na quinta ele some [...] até que do nadaa ele me bloqueou no sabado [...] fiquei bem chateada com isso pq no final so me senti usada msm, mas talvez eu tb tenha tido culpa por ter sido tao impulsiva [...] pagando por ter sido tao inocente e achado q ele ia me ver como algo alem de um pedaço de carne nekkkkk.” (EmergencyArugula293)

A mulher interpreta o abandono como falha pessoal, entendendo que não soube conduzir a experiência afetiva de um modo adequado e, assim, se autorresponsabiliza pelo

comportamento do parceiro, evidenciando uma desigualdade relacional estruturada. Zanello (2018; 2022) destaca que persiste a crença, socialmente cultivada, de que o tipo de homem que a mulher tem ao lado depende dela; caberia à mulher transformá-lo em um bom parceiro para o relacionamento e, quando isso não ocorre, o fracasso é vivido como sendo seu. Essa lógica transfere à mulher a responsabilidade tanto pelo comportamento masculino quanto pela manutenção do vínculo, mesmo quando este é insatisfatório ou inexistente.

Lauretis (1994) contribui para compreender esse processo ao mostrar como as tecnologias de gênero fabricam narrativas e operam na passagem das representações culturais a autorrepresentações. As produções voltadas ao público feminino propagam a ideia de que o esforço e a dedicação devem partir da mulher, naturalizando sua posição de responsabilidade afetiva exclusiva nas relações. Um exemplo é o filme *A Bela e a Fera*, cuja trama reforça a noção de que cabe à mulher suportar a frieza, a indiferença ou até mesmo a violência masculina, até que, pelo amor e pela devoção, consiga revelar a bondade oculta e redenção do parceiro (Zanello, 2018; 2022). Essa mesma lógica se atualiza nos aplicativos de relacionamento, onde a mulher é convocada a manter-se sempre compreensiva e emocionalmente disponível, mesmo diante da indiferença e imaturidade afetiva masculina, reafirmando o lugar feminino de sustentar sozinha o vínculo.

Pressão estética e vulnerabilização da autoestima

A estética, aqui entendida como aparência corporal e apresentação visual, emerge nos relatos como um elemento central na constituição da autoestima e na forma como as mulheres se percebem no campo amoroso. O corpo torna-se critério de valor, medida de visibilidade e, muitas vezes, fonte de insegurança, exclusão ou vergonha.

Zanello (2018; 2022) argumenta que, na cultura contemporânea, a estética feminina deixou de ser um atributo desejável para se tornar um dever ético, a mulher não apenas “pode” ser bonita, ela “deve” ser. Essa normatividade estética, baseada em padrões de juventude, magreza e branquitude, é amplamente instrumentalizada pela indústria da beleza, que lucra com a transformação da insegurança em consumo. No campo afetivo-sexual, a aparência funciona como capital relacional, condição para ser escolhida na “prateleira do amor”, o que torna a autoestima feminina particularmente vulnerável.

No relato abaixo, a usuária expressa desconforto com sua imagem, relatando ansiedade diante da ideia de exposição nos aplicativos de relacionamento. O simples fato de ter seu perfil visto por pessoas conhecidas já lhe causa pânico:

“me dá muita ansiedade de estar com perfil ativo lá [...] só de pensar em ver alguém que já me viu por aí ou convive comigo me dá um pânico enorme [...] Eu acho que as fotos não fazem jus a minha aparência (no caso as pessoas são enganadas por elas kkkk) [...] eu me acho sem graça e pra irrelevantar isso geralmente a aparência tem que pesar no positivo kkkk [...] sou muiiito tímida e caseira [...] não puxo papo com ninguém em lugar nenhum [...] a parada já tá ficando estranha tenho 27 anos e nunca namorei!!” (ronnabyte)

A fala expõe uma subjetividade marcada por um sentimento constante de inadequação estética, que se traduz em vergonha, insegurança e sensação de estranhamento. O medo de ser vista no *Tinder* por pessoas conhecidas remete a uma dupla exposição, não apenas a do corpo-imagem, mas também a da condição afetiva aparentemente percebida como fracasso. A usuária menciona que nunca namorou, o que, nessa lógica, se transforma em evidência de sua suposta insuficiência, não apenas estética, mas amorosa. O corpo, então, deixa de ser apenas um lugar de desejo e se torna um território de autovigilância e ansiedade.

Segundo Zanello (2018; 2022), esse sofrimento tende a se intensificar com o tempo, já que a idade opera como marcador de valor no mercado amoroso. Assim, mulheres solteiras enfrentam uma pressão simbólica crescente para “sair da prateleira”, o que amplia a vulnerabilidade da autoestima e pode levá-las a aceitar vínculos frágeis.

Esse funcionamento também pode ser compreendido a partir das tecnologias de gênero descritas por Lauretis (1994), que operam modelando comportamentos, percepções e afetos de modo a parecerem escolhas individuais. Práticas cotidianas associadas ao cuidado de si, como dietas, exercícios intensos, procedimentos estéticos ou a preocupação constante com a aparência, são frequentemente interpretadas pelas mulheres como expressão de vontade própria. Contudo, como argumentam Foucault (1998), Lauretis (1994) e Zanello (2018; 2022), essas práticas resultam da internalização de normas culturais, difundidas por meio das tecnologias de gênero, que definem quais corpos são considerados desejáveis. Assim, o mal-estar feminino em relação ao corpo e à aparência não é uma falha pessoal, mas efeito de um regime estético que produz a sensação persistente de inadequação.

Já no relato que segue, a usuária, que se identifica como uma mulher não branca, relata que seu corpo é frequentemente erotizado nos aplicativos, mas raramente é reconhecido como digno de afeto e compromisso:

“Queria um namoradinho, estou tentando conhecer alguém legal por app de relacionamentos, mas parece que todos só querem coisas casuais ou amizade colorida (Casual)[...] mesmo os caras que dizem que querem um relacionamento, só focam no lado sexual[...] não sou uma mulher branca, será que aquela ‘diferença’ que os homens fazem sobre mulher pra casar e pra transar tem relação com isso também?”
(KindWeird15)

Essa fala evidencia como a estética, longe de ser neutra, é profundamente racializada. A pergunta “será que isso tem relação com eu não ser branca?” revela a percepção de que existe uma hierarquia nos afetos, por vezes relacionada a cor, etnia e raça. O sofrimento psíquico além de ferir a autoestima individual, denuncia um sistema histórico e estrutural de exclusão, no qual a mulher não branca é reiteradamente confrontada com a ideia de que pode ser desejada, mas não amada, pois ocupa um lugar inferior na “prateleira do amor” (Zanello, 2018; 2022).

Aqui, torna-se fundamental recorrer à leitura de Carla Akotirene (2019), para quem a interseccionalidade é uma ferramenta que desvela como raça, gênero e classe não operam de forma isolada, mas emaranhadas, produzindo experiências distintas de opressão e sofrimento. A autora propõe compreender que a mulher negra habita uma encruzilhada de opressões, estruturada historicamente pelo racismo, pelo sexismo e pela exploração econômica. Essa posição interseccional não apenas molda suas condições materiais de vida, como também incide sobre suas experiências afetivas, suas possibilidades de ser reconhecida como sujeito e os modos pelos quais o sofrimento psíquico é produzido e interpretado em contextos sociais que naturalizam essas desigualdades. Essa perspectiva amplia a leitura de Zanello (2018; 2022), ao evidenciar que o dispositivo amoroso e as tecnologias de gênero se inscrevem também no campo racial e colonial.

O corpo da mulher negra é atravessado por um imaginário colonial que a associa à hiperssexualização e ao não pertencimento afetivo. Como apontam Akotirene (2019) e Zanello (2018; 2022), persiste uma construção simbólica que separa mulheres “para casar”, geralmente brancas, vistas como puras, e mulheres “para usar”, historicamente associadas às negras, indígenas e mestiças. Esse imaginário foi reforçado no século XX pelo cinema de Hollywood, que colocava, em suas produções, mulheres negras como figuras sensuais, disponíveis e moralmente inferiores, enquanto reservava às mulheres brancas os papéis de heroínas românticas e esposas ideais, exemplificando o funcionamento da tecnologia de gênero

(Lauretis, 1994). O relato analisado mostra que, apesar de mudanças sociais, essa hierarquia ainda organiza o campo afetivo, com efeitos profundos na autoestima da mulher negra.

Essa lógica se articula a um processo mais amplo; quanto mais distante uma mulher está do ideal estético hegemônico, maior tende a ser sua vulnerabilidade emocional. Estudos como o de Moraes, Facchini e Fitaroni (2024), Pelúcio (2019) e Silva-Junior (2020) mostram que o uso de aplicativos de relacionamento impacta diretamente a autoestima e a percepção de si, já que a ausência de curtidas ou matches intensifica sentimentos de inadequação e reforça a lógica da “prateleira do amor” discutida neste trabalho.

No caso das mulheres negras, essa vulnerabilização é ainda mais acentuada, pois a estética corporal está profundamente marcada pelo racismo estrutural, que opera como dispositivo de exclusão e limita o reconhecimento afetivo (Akotirene, 2019; Zanello, 2018; 2022).

Objetificação e invisibilização do sujeito feminino

Nesta categoria, evidencia-se como o corpo feminino, ao ser exposto em plataformas digitais de encontro, é reduzido a objeto de prazer e avaliação, numa lógica que apaga a subjetividade da mulher, configurando a invisibilização do sujeito feminino. A objetificação, entendida como processo que transforma a mulher em coisa, corpo ou mercadoria, não é uma exceção, mas um funcionamento normativo da cultura heteropatriarcal (Zanello, 2018; 2022). O valor da mulher, assim, é mediado por critérios estéticos e sexuais que a posicionam como objeto de troca, consumo e exibição, inscrito em uma lógica mercadológica que aproxima o campo amoroso do econômico. Como aponta Lauretis (1994), as tecnologias de gênero operam justamente nesse nível, ao produzir representações que vinculam feminilidade à disponibilidade erótica, naturalizando esse regime de objetificação.

No relato adiante, a mulher descreve ter recebido mensagens de cunho sexual e ofensivo apenas por reativar seu perfil, mesmo sem expor fotos sensuais:

“Eu abri esses dias o meu antigo perfil [...] só achei homens debatendo a minha aparência e insinuando que querem pegar nos meus peitos (eu nem tenho fotos com decote mano... Qual o problema desse povo?) [...] já fui ofendida por conta de algumas fotos minhas de quando eu era adolescente [...] eu simplesmente tinha cabelo colorido e o cara achou que podia ofender a minha aparência” (Quiet-Lock4280)

A fala revela de forma contundente como o corpo feminino, ao circular em plataformas digitais, é imediatamente capturado por uma erotização compulsória. Mesmo sem fotos sexualizadas, a usuária vê sua aparência discutida, sexualizada e atacada, o que indica que a sexualização atribuída ao corpo da mulher independe de sua intenção ou expressão. Como afirma Zanello (2018; 2022), o dispositivo amoroso constrói a mulher como presença sexual constante, pública e julgável, assim, qualquer imagem sua, mesmo um simples retrato, torna-se passível de escrutínio, desejo erótico ou violência.

O relato também evidencia como essa erotização se articula às representações culturais que moldam o olhar masculino. A reação dos homens às fotos da usuária, da insinuação sexual ao ataque estético, opera dentro de um repertório produzido por tecnologias de gênero (Lauretis, 1994), que definem quais corpos são erotizáveis, criticáveis ou disponíveis. O excesso de representações femininas sexualizadas em mídias como cinema, TV e publicidade, contrastando com a escassez de corpos masculinos expostos ao mesmo regime, reforça essa assimetria. A experiência da usuária, portanto, não é individual, mas expressão de um funcionamento cultural que posiciona mulheres como objetos avaliáveis e homens como sujeitos autorizados a julgar, desejar e depreciar (Zanello, 2018; 2022).

No próximo relato, a usuária conta que todos os homens com quem conversa pedem nudes em poucos dias, gerando desgaste emocional:

“[...] E gente, o que tá acontecendo? [...] Não conversei com um até agora que em algum momento (2-4 dias de conversa) me pede um nude! Poxa, não dá pra conversar com alguém legal, sem estar nitidamente interessado nisso no final das contas?! Eu gosto de conhecer gente nova, de me ‘conectar’, me sentir à vontade com alguém, mas tem sido difícil, desgastante. Desisto e viro uma ermitã? :s” (nvs_ju)

A recorrência dos pedidos de nudes, já nos primeiros dias de conversa, evidencia uma lógica de consumo sexual na qual o corpo da mulher é requisitado como imagem e mercadoria. Nesse funcionamento, a usuária não é reconhecida como sujeito de desejo ou de afeto, mas reduzida ao fornecimento de um conteúdo erótico, o que produz desgaste emocional.

Ao analisar os efeitos subjetivos do uso de aplicativos de relacionamento entre mulheres, torna-se impossível desconsiderar a própria lógica de funcionamento dessas tecnologias, isto é, quem as cria, para quem e com quais valores embutidos em seu design. Como aponta Tannus (2018), a maioria dessas plataformas é criada por homens brancos, cis, heterossexuais e pertencentes às elites econômicas, o que imprime ao design uma visão de

mundo centrada em valores masculinos e heteronormativos. Assim, mesmo quando se apresentam como espaços de sociabilidade e encontro, os aplicativos acabam por reforçar normas de gênero excludentes, nas quais a mulher é reiteradamente posicionada como corpo disponível, reiterando processos de objetificação e invisibilização do sujeito feminino.

Inversão de papéis e desejo ativo feminino

Essa categoria evidencia situações em que mulheres rompem com os scripts tradicionais de gênero, desejando ativamente, recusando avanços ou estabelecendo critérios próprios de escolha, e acabam, por vezes, penalizadas ou não encontrando espaço para seus desejos. O dispositivo amoroso (Zanello, 2018; 2022) ensina que cabe à mulher esperar, acolher e se moldar ao desejo masculino, contudo, quando ela ocupa a posição de sujeito desejante, esse movimento é lido como desvio e frequentemente gera reações hostis.

Como visto anteriormente, Butler (2003), Connell e Pearse (2018) e Scott (1995) auxiliam a compreender esse processo ao destacar que a estabilidade das performances de gênero depende da repetição constante de normas culturais. Nessa mesma direção, Araújo e Zanello (2024) mostram que os modelos de masculinidade hegemônica ainda atribuem ao homem o papel de quem conduz, toma iniciativa e ocupa a posição central nas interações, enquanto às mulheres é reservado o lugar reativo, emocionalmente disponível e ajustado ao desejo masculino. Assim, quando uma mulher subverte a norma da passividade e se coloca como agente do desejo, ela ameaça a ordem simbólica que sustenta a heteronormatividade.

No relato seguinte, a mulher explica que, ao recusar novos encontros de forma educada, recebe insultos e é chamada de grossa:

“[...] muitas vezes o beijo não encaixa ou não gosto do beijo do cara, e por isso não conseguiria ir para cama com ele [...] não vejo motivo de sair novamente com o cara, mas acho muito chato apenas sumir e parar de responder [...] Mesmo que eu explicasse de firma super educada e sensível, os caras me insultavam [...] Teve um que me chamou de grossa só porque eu disse ‘po, não curto essas paradas aí.’ [...] não entendi onde tava a grosseria kkk” (Ratazana_1908)

A experiência escancara o funcionamento do dispositivo amoroso, no qual a mulher deve aceitar, mesmo sem desejo. Quando rompe esse script e assume o papel de escolha, provoca a reação agressiva dos homens, pois a recusa feminina parece ferir a fantasia masculina de centralidade e controle no jogo erótico. Como argumentam Araújo e Zanello (2024), a

masculinidade normativa depende da manutenção desse eixo de poder, o homem como agente desejante, a mulher como objeto disponível, de modo que qualquer gesto feminino de autonomia é interpretado como afronta.

Já no relato abaixo, a mulher expressa abertamente sua libido alta e, ao mesmo tempo, relata frustração com a superficialidade e as abordagens grosseiras nos aplicativos:

“[...] tenho libido alta e estou solteira. Não quero sair dando por ai, só quero uma amizade colorida [...] dos 19 aos 30 em um relacionamento (pouquíssimo sexo, quase nada mesmo, então só recentemente comecei a entender o que gosto no sexo) [...] já tive 3 lances casuais, mas veio tudo do tinder, e estar naquele app é deprimente demais. É cada abordagem que faz eu querer me jogar da ponte [...], no meu caso, pra me sentir estimulada e com vontade de dar eu preciso de algo a mais, tipo conversas legais, ver que o cara é inteligente e obviamente um pouco de beleza, afinal quero me sentir atraída. [...]” (**lonelypanda93**)

Esse relato mostra duas camadas de análise. A primeira é o silenciamento da sexualidade feminina; a usuária permaneceu em um vínculo sem prazer por anos, evidenciando como o dispositivo amoroso naturaliza a ideia de que a mulher deve suportar relações insatisfatórias em nome do amor (Zanella, 2018; 2022). Só após o término desse relacionamento ela passa a descobrir seus desejos, revelando como a pedagogia dos afetos pode retardar a apropriação do próprio corpo e do prazer.

A segunda camada é o tensionamento atual: mesmo após reconhecer sua libido e seu desejo por conexão, a mulher encontra dificuldade em permanecer nos aplicativos, que privilegiam abordagens superficiais. Ao buscar uma “amizade colorida com conexão”, ela tenta habitar um lugar que o patriarcado não prevê, uma sexualidade feminina ativa que não é nem submissa nem devota, desmontando a dicotomia entre mulheres “para casar” e mulheres “para transar” que remonta ao século XIX, como aponta Zanella (2018; 2023).

Contudo, esse movimento não encontra acolhimento nos aplicativos, e o resultado parece ser um desgaste emocional: ela descreve estar na plataforma como algo “deprimente”, e interpreta as abordagens recebidas como tão invasivas e desumanizantes que a fazem “querer se jogar da ponte”. O sofrimento que emerge daí parece não dizer respeito apenas ao comportamento dos homens, mas à experiência de sentir-se repetidamente exposta a interações que esvaziam seu desejo e corroem sua vitalidade.

Pelúcio (2019) e Silva-Júnior (2020) mostram que os aplicativos funcionam como verdadeiras pedagogias culturais, ensinando modos de desejar e de performar afetividade, ao

mesmo tempo em que naturalizam determinados roteiros relacionais. Nesse contexto, fica evidente que o desejo feminino ativo ainda é frequentemente marginalizado ou silenciado. O sofrimento relatado pela usuária, portanto, não expressa uma falha individual, mas o conflito entre seu desejo singular e os modelos normativos que continuam a estruturar as relações afetivas contemporâneas.

Considerações finais

A análise dos relatos permitiu alcançar o objetivo central deste trabalho, que foi compreender como as experiências de mulheres em aplicativos de relacionamento são atravessadas por normas de gênero e como essas normas impactam sua subjetividade. Verificou-se que, longe de funcionarem apenas como ferramentas de encontro, essas plataformas atuam como tecnologias de gênero, atualizando o dispositivo amoroso nos ambientes digitais.

Os resultados mostraram que o valor feminino continua sendo condicionado à aparência e à capacidade em corresponder aos roteiros afetivos tradicionais. Esse funcionamento se expressa em múltiplas formas de sofrimento: insegurança corporal e estética, autorresponsabilização pelo fracasso dos vínculos, dificuldade em se reconhecer como sujeito desejante e frustrações quando se tenta romper com papéis de gênero naturalizados. O dispositivo amoroso parece seguir operando de maneira eficaz, ensinando as mulheres a amarem com espera, cautela e culpa, mesmo em plataformas que se apresentam como espaços de autonomia e de liberdade.

Para a Psicologia, esses achados reforçam a necessidade de práticas profissionais que considerem o contexto social e cultural na produção do sofrimento. Reconhecer que as experiências de mulheres em aplicativos de relacionamento são atravessadas por desigualdades de gênero é um passo essencial para permitir ao psicólogo adotar uma postura mais crítica e ética, capaz de sustentar uma escuta que articule a singularidade da paciente com os determinantes culturais que moldam sua vivência, possibilitando propor intervenções mais sensíveis às demandas femininas.

É importante ressaltar, contudo, que este estudo apresenta limitações pois a análise foi restrita a uma única plataforma digital (*Reddit*), o que não permite generalizar os resultados para todo o universo de usuárias de aplicativos de relacionamento. Ainda assim, os achados apontam para a relevância de futuras pesquisas que ampliem recortes e métodos.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. 1 ed. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p.

ALVES, W; PUGGIAN, C; FERREIRA, J. Pesquisando a rede, na rede e com a rede: articulações e perspectivas da Netnografia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 31, n. 2, p. 1–28, 30 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/23847>. Acesso em: 28 mai. 2025.

ARAÚJO, G.; ZANELLO, V. “Só quero carinho”: mulheres e desejo sexual em relacionamentos prolongados. **Psicologia em Estudo**, v. 29, n. 1, p. 1-15, 27 mar. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/56015>. Acesso em: 10 out. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. 1 ed. Lisboa: Edições 70, 1977. 223 p.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p.

CONNEL, R.; PEARSE, R. **Gênero: desde una perspectiva global**. Tradução: Arantxa Grau Muñoz. 1 ed. Valência: Universitat de València, 2018. 290 p.

COSTA-JÚNIOR, F. M.; COUTO, M. T.; MAIA, A. C. B. Gênero e cuidados em saúde: concepções de profissionais que atuam no contexto ambulatorial e hospitalar. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 97-117, ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/sDWmnkgySt7jMsbXWfx36bv/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2025.

FACIOLI, L. R. R. Não tá fácil pra ninguém: uma analítica sobre os usos das mídias digitais por mulheres das classes populares brasileiras. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 68, p. 1-19, set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8672078>. Acesso em: 28 jul. 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. 277 p.

LAMAS, M. O Gênero é cultura? In: **V Campus euroamericano de cooperação cultural**, Almada, 2007. p 1-12.

LAURETIS, T. A Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e Impasses: O feminino como crítica da cultura**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, L. H. Q. *et al.* Rotulação e Caracterização de Conteúdo Tóxico de Comunidades do Reddit no Brasil. **Linguamática**, v. 16, n. 2, p. 201-218, dez. 2024. Disponível em: <https://linguamatica.com/index.php/linguamatica/article/view/459>. Acesso em: 05 nov. 2025.

MORAES, E. M; FACCHINI, P. B; FITARONI, J. B. **Impactos psicossociais em mulheres advindos do uso de aplicativos de relacionamento**. 2024. 36 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande, 2024. Disponível em:

<https://repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/1948>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, jul-dez. 1995. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> . Acesso em: 10 nov. 2025.

SILVA-JÚNIOR, A. O. **Deu Match no Tinder!: aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural**. 2020. 233 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19971> . Acesso em: 08 abr. 2025.

SILVA, P. H. M. **O amor como mercadoria: uma pesquisa socioantropológica em torno do aplicativo de relacionamento tinder**. 2023. 77 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/37358> . Acesso em: 28 jun. 2025.

SOUZA, C. C. Corpos "(i)legítimos": a passabilidade como trânsito e reconhecimento. **Revista Ártemis**. Porto Alegre v. 25, n. 1, p. 324–328, jan-jun 2018.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41149> . Acesso em: 11 nov. 2025.

PELÚCIO, L. **Amor em tempos de aplicativos: Masculinidades heterossexuais e a nova economia do desejo**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2019. 260 p

TANNUS, A. M. N. **Amor em tempos de banda larga: uma análise sociológica do aplicativo Tinder**. 2018. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/9534aae2-46b1-4011-ae2c-4948e96ebdbf> . Acesso em: 26 jun. 2025.

ZAGO, L. F.; SACCHI, L. H. "Dispositivo, gênero e diversidade sexual: uma incursão teórica." **Educação e cultura contemporânea**. Rio de Janeiro. v. 14, n. 34, p. 322-340, jan-mar. 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/188792?show=full> . Acesso em: 16 nov. 2025.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

ZANELLO, V. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2022. 144p.